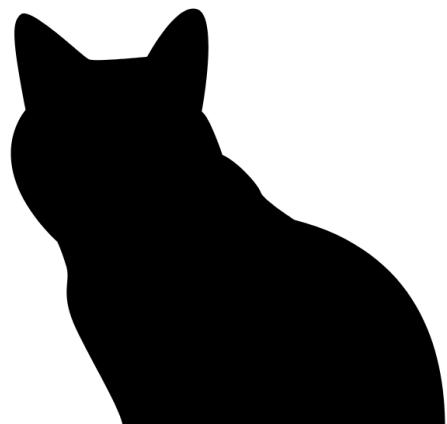


Playlist



A
EXCEÇÃO

SUSANA SOUSA



Título Original: A Exceção

Autora: Susana Sousa

Copyright © Susana Sousa

Copyright © Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite

Design/ Diagramação: Tânia Roberto

Capa: Tânia Roberto/Rafaela Silva

Imagen de Capa: Canva

1ª Edição: março 2023

1º Reimpressão: março de 2023

2º Edição: março de 2024

Acabamento/Impressão: Gráficas Ulzama

© 2024

Todos os direitos reservados ao autor.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao

Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 529517/24

ISBN: 978-989-9166-28-8

As Fadas que fizeram parte deste livro:

Iara Andrade;

Ana Domingues



*Para todos aqueles que acreditam que o amor conquista tudo,
mas especialmente para os que não acreditam!*





O Início

Ea primeira vez que saio destes portões. Sei que devo sair da Academia, aprender a viver no meio humano, abdicando dos meus poderes em frente deles. Dentro de mim, uma voz vibra, aflita, não estou preparada para isto. Estou numa encruzilhada, com a ansiedade e o entusiasmo de mãos dadas. Como será pisar uma universidade normal? Um lugar imenso de pessoas que não nos ensinam a controlar os nossos poderes? Uma universidade onde não aprendemos quais os nossos talentos?

Quando me disseram que teria de escolher um curso, fiquei bastante confusa e pensei durante dias, mas optei por uma licenciatura em literatura. Adoro ler o que os humanos escrevem sobre nós; a maneira como interpretam as lendas, as ideias fictícias longe de imaginarem a nossa verdadeira existência. Tenho de me lembrar da regra de ouro: nunca mostrar os meus poderes a um humano. Ouvi histórias de fadas que o fizeram no passado, sendo expulsas da comunidade. Nunca se soube nada delas a partir desse momento.

No meio destes pensamentos apercebo-me de que o carro parou e que me encontro à frente do edifício que será a minha casa daqui em diante. Entro no prédio revestido de tijolo e, a seguir, encontro a porta que o meu companheiro de viagem indica como sendo o meu apartamento. Ao entrar vejo que não existe comparação com os castelos das fadas e dos elfos ou com os quartos que havia na Academia.

É um apartamento simples, mundano, mas a ideia agrada-me. Sempre fui fascinada pela vida humana, sobre como eles são, como as suas vidas se desenvolvem ao longo de um dia, os sentimentos que os fazem mover. A minha madrinha avisou-me para não me envolver demais e para ter cuidado com a minha impulsividade, mas como resistir a este mundo que em tudo me fascina?

É um pouco assustador enfrentar isto sozinha, mas somos proibidos de nos encontrarmos fora da Academia. Esses encontros podem desencadear comportamentos élficos, o que chamaria a atenção sobre o mundo mundano.

Sou desperta dos meus pensamentos pelo Pégaso, que nos últimos minutos assume a forma humana para me informar de que todos os meus pertences já se encontravam no apartamento. Antes de partir deseja-me boa sorte. Quando ouço o bater da porta, sinto que a minha verdadeira aventura vai começar. Começo por arrumar todos os meus pertences, utilizando a magia que me auxiliava; a seguir, observo que os armários estão repletos de comida. Num pequeno compartimento está um pouco de pó de fada que utilizo para manter os meus poderes controlados. Em cima de uma secretária

descubro um conjunto de livros, o meu horário e uma carta que vejo ser da minha madrinha. Abro-a de imediato e a sua voz adentra-me nos pensamentos enquanto a leio:

"Minha querida Áurea, começo por te desejar imensa sorte nesta tua aventura, uma aventura da qual sei que vais usufruir da melhor maneira. Peço-te mais uma vez para teres cuidado, para tentares controlar os teus sentimentos e esse teu lado mais impulsivo.

Aproveita este momento de aprendizagem e, com todo o cuidado, diverte-te. Já sinto imenso a tua falta e não sei como vou passar os próximos três anos sem te ver todos os dias. Irei providenciar visitas para te ver e tentarei estar sempre em contacto contigo. Aproveita o teu talento para observar como são os humanos, se valem a pena aproximates-te ou não.

Um último conselho: apesar de teres tudo financiado pela Academia, acho uma boa oportunidade tentares experimentar um trabalho mundano. Penso que seria uma boa experiência nessa tua aventura."

*Com muito amor,
A tua fada madrinha,
Maya*

Quando acabo de ler dou por mim a lacrimejar, ao perceber o tempo que permanecerei longe dela, longe da mulher que me criou desde bebé, que me ensinou tudo o que sei. Mais, ajudou-me a encontrar o meu talento quando eu acreditava que não possuía nenhum.

Questiono-me se também a Viviana já chegou à sua nova casa, se estava tão nervosa quanto eu. Claro que não, ela é imensamente aventureira, já deve ter saído de casa e conhecido metade da população da cidade onde foi colocada. Gostava de poder falar com ela, de saber como se sentia. Vou sentir falta da minha melhor amiga, aquela com quem partilhei o quarto nos últimos doze anos, mas sei que será por um curto período de tempo. Quando esta aventura terminar, vamo-nos voltar a encontrar e a divertirmo-nos imenso a ouvir as histórias uma da outra.



Capítulo 1

Áurea

Acordo com o meu guia espiritual, o único ser mágico que me permitem trazer da Academia, a saltitar em cima de mim. Na verdade, este ser tem a forma de um gato, que me ajuda e protege sempre que necessito. Neste mundo mundano, o seu tamanho é normal, coberto com um pelo branco que, ao passar as mãos, sinto a sua maciez. A beleza dele adequa-se ao seu espírito puro.

— Pronto, Ariel, podes parar! Já me levanto. — Acaricio-lhe o pelo sedoso.

Levanto-me e dirijo-me para a casa de banho onde tomo um duche rápido. De volta ao quarto, abro o roupeiro, observo, na tentativa de decidir o que vestir no meu primeiro dia. Aos meus olhos sobressai um vestido sem mangas, solto, vermelho que realça o branco da minha pele e o platinado do meu cabelo, a escolha certa. Sentada na cama, calço uns sapatos de salto, e aplico ligeiramente batom, ambos vermelhos. As ondas do meu cabelo estavam prontas. Satisfeita, olho-me ao espelho e sinto-me pronta para enfrentar a minha aventura. Ao fim de uma longa caminhada e de me perder três vezes, dou por mim a encontrar finalmente a sala onde decorrerá a primeira aula. A sala não era muito diferente dos auditórios da Academia. A diferença maior que me saltava aos olhos era a falta do aspetto encantado, dos insetos a voar por todo lado, das plantas a trepar pelas paredes.

Entro e avisto uma pessoa, a única sentada na sala. Será normal? Deduzo que sim. Apesar das voltas infinitas, consegui chegar trinta minutos mais cedo. Dirijo-me para um assento mais perto da pessoa em questão e reparo que é um rapaz de cabelo negro e uma pele pálida quase tanto como a minha. Não deixo de reparar no ar sedutor que dele sai. Praticamente ao lado dele, apercebo-me da cor da sua aura, o que me deixa mais intrigada. Tento, sem sucesso, aceder-lhe aos pensamentos. Não fiquei chateada, pelo contrário, agradeço por isso. Não gosto de me intrometer sem conhecer a pessoa, e fico feliz por as aulas que me ensinaram a controlar estarem a resultar, apesar de, às vezes, sair do meu controlo.

— Olá! Sou a Áurea. Posso sentar-me? — Aponto para o lugar ao seu lado.

Ele encara-me por uns segundos e abana a cabeça não demonstrando qualquer emoção. Esta aura intriga-me. Como é que um rapaz da mesma idade do que eu, pode conter uma aura tão sombria? Quase consigo ouvir a

minha madrinha a avisar-me sobre as minhas decisões, mas é mais forte do que eu, não consigo controlar-me. A curiosidade tomou conta de todas as partes do meu ser.

— Posso saber como é que te chamas? — pergunto com algum entusiasmo, na tentativa de obter alguma reação da parte dele.

Ele volta a fitar-me, pondera por alguns segundos a sua decisão, até que responde. — Ámon!

Fico a pensar por uns breves segundos se devo insistir na conversa ou deixá-lo com os seus pensamentos. Sinceramente, agora que obtive o nome dele, estou cada vez mais curiosa em descobrir quais são. Decido permanecer em silêncio, aguardando o início da aula.

Gradualmente a sala começava a ficar preenchida e começo a observar o arco-íris que me rodeia. Observo cada uma das pessoas, umas apareciam estar felizes e entusiasmadas, mas, na verdade, consigo ver o que realmente sentem. As suas auras tornam-se uma mistura de cores, consigo realmente observar a felicidade e o entusiasmo que as caras e os gestos manifestam, assim como a mistura de nervosismo e tristeza. Não consigo controlar-me, acabo por sorrir interiormente perante esta observação. Na Academia, a maioria das fadas e dos elfos conseguem ocultar a aura, então não tenho a oportunidade de observar esta maravilhosa mistura de cores, muito menos conseguir decifrar o que realmente sentem.

Estava ainda perdida no que os meus olhos captavam, quando de repente, entra uma mulher de saltos altos, um vestido preto justo e um cabelo negro amarrado com um lápis, maravilhosamente penteado. A sua forma de estar e caminhar demonstra confiança, mas consigo perceber na sua aura nervosismo.

— Olá! Sou a Professora Sofia. Bem-vindos à disciplina de Teoria da Literatura. Nesta cadeira planeio abrir os vossos horizontes em relação à leitura e à escrita. Esperando, sinceramente, que no final do semestre cada um de vós consiga olhar para um texto ou para um livro e ver para além das letras e frases bonitas.

A aula decorre calmamente, a professora anuncia quais as obras que estudaremos e como quer que as aulas decorram. No final, todos os alunos se levantam e dirigem-se à porta. Já eu, permaneço sentada a tentar interiorizar todas as mudanças. Quando decido levantar-me para sair, reparo que o Ámon deixou o seu caderno. Com uma mistura de receio e curiosidade, pego no caderno e dirijo-me para a saída da sala. Vagueio pelos corredores na expectativa de o encontrar para lho entregar, mas foi uma tentativa falhada. Quando chego à última aula, fiquei um pouco decepcionada ao descobrir que o Ámon

talvez não estivesse na mesma licenciatura que eu, sendo aquela cadeira a única em comum. Ao entrar na sala, deparo-me novamente com aquela aura negra. Sentado no fundo da sala, o Ámon parecia querer permanecer longe dos olhares indiscretos. Convicta da decisão certa, sigo na direção dele, mas antes de dizer seja o que for, sinto o seu olhar em mim com severidade.

— Tantos lugares na sala e tens de vir atrás de mim?

Fico perplexa com a rigidez das suas palavras. — Eu não ando atrás de ti, simplesmente...

Ele interrompe-me. — Simplesmente o quê? Achas que quero ser teu amigo porque me vês sempre sozinho?

As suas palavras atingem-me com mais severidade do que estava à espera.

— Só queria entregar-te o caderno que deixaste na sala de Teoria da Literatura.

Ele, vendo-o na minha mão, fica sobressaltado e retira-mo de imediato.

— Viste o que estava no caderno? — Fico paralisada com a sua agressividade e ele repete: — Viste ou não?

Limito-me a abanar que não com a cabeça, e atravessei silenciosamente a sala para me sentar.



Finalmente chego a casa, dirijo-me à secretaria onde começo por retirar o meu caderno da mochila. Faço uma lista de obras que tenho de ler e os prazos de leitura dos mesmos. Olho à minha volta e admito que me sinto um pouco só, tantos anos habituada a ter sempre alguém do meu lado e agora sou só eu e o Ariel. Observo-o a dormir num canto e chego à conclusão de que é uma companhia vaga, visto que desde que assumiu a forma de gato, só dorme.

Começa a anoitecer e não tenho muita fome, vou até à cozinha, encho um copo de sumo de laranja e faço uma tosta-mista. Sentada no sofá, o som do pão estaladiço debaixo dos dentes parece a melhor definição do meu primeiro dia numa escola diferente. Num mundo diferente. Depois do jantar voltei para a cozinha e pousei a louça. No dia seguinte preocupar-me-ia com ela, arrasto os pés, mais cansada do que esperava, em direção ao quarto. Deito-me na cama relativamente maior que a dos dormitórios, comparando também que é mais pequena do que a minha no castelo. Adormeço e, sem esperar, uma figura adentra sem permissão no meu sonho, à medida que me envolvo no mesmo, percebo a figura jovem de cabelos negros, assim como a aura que o envivia.





Capítulo 2

Ámon

O som irritante do despertador obriga-me a acordar. Tento desenvolver um autocontrolo que não tenho, para não o espertar contra a parede. Levanto-me e, antes de me meter debaixo do chuveiro, passo levemente com o punho fechado pelo despertador, suprimindo a vontade que me consumia. Já debaixo da água, não deixo de pensar que a vontade é sempre a mesma: nenhuma. De duche tomado, olho para o roupeiro, pego numas calças cargo pretas, numa *t-shirt* branca, dois números acima do meu. Não sei porquê, mas sempre gostei de comprar camisolas muito acima do meu número. Coloco uma pequena corrente de prata, complemento com uns anéis pretos e umas sapatilhas de pano brancas e estou satisfeito com a minha escolha.

Na cozinha, levo a chávena aos lábios, sentindo a queimadura latejante do líquido que absorvi depressa demais. Já fora de casa, coloco-me a caminho da universidade, pois a distância curta permite-me ir a pé. Aperto o casaco com a mão direita, os ossos estão a regelar e deixo o ar sair da boca, vendo o fumo a formar-se à minha frente. Pelo menos acordaria até lá. Dentro do edifício, procuro com veemência a sala da minha primeira aula, no topo da mesma, apercebo-me de que sou o primeiro, tal como no secundário. Enchi os pulmões, satisfeito, devido à minha pequena vistoria pela universidade consegui com facilidade encontrar a sala, não queria correr o risco de um engano.

Sento-me o mais atrás possível, começo a desenhar e a escrever coisas aleatórias no caderno. A sombra que me cobre a luz mostra-me uma silhueta a aproximar-se.

— Olá! Sou a Áurea. Posso sentar-me? — Olho para cima e vejo uma figura angelical. Sem me pronunciar sinto a pele arrepanhar-se contra a roupa e a única coisa que consigo fazer é abanar com a cabeça.

Volto a tentar concentrar-me no que fazia, mas mesmo olhando aquelas folhas, só me apercebi muito depois que a desenhava. Era impossível não perceber o deslumbramento que emanava dela.

Este pensamento é interrompido pela voz angelical dela. — Posso saber como é que te chamas? — Fico perplexo a olhar para ela sem conseguir dizer nada, até que saio do transe.

Ámon! — Saiu mais rígido do que queria.

Ponderei pedir desculpas, mas as palavras não queriam aparecer. Continuei atordoado com a beleza angelical daquela rapariga que estava sentada ao meu lado. Será que perdera as minhas competências sociais?

A aula termina e saio de imediato da sala antes de voltar a fazer figura de parvo, caso ela falasse para mim.

Quando saio do pavilhão dirijo-me ao pequeno pátio que se encontra no centro da universidade, sento-me numa das pequenas mesas de pedra mais afastada para desenhar um pouco, visto que só tenho aula dali a uma hora. Abro a mochila, vasculho com persistência, os dedos movem-se entre o acumulado de livros, e ele não estava lá, o meu caderno havia desaparecido.

— Não acredito que o deixei na sala.

Decido voltar lá antes que a próxima aula comece. Entro na sala e percorro-a de cima a baixo e não avisto o caderno em lado nenhum. Levo as mãos à cabeça. Onde poderia estar? Ando de um lado para o outro, esfrego as mãos com rigidez e resolvo refazer todo o meu percurso da porta da sala até à mesa onde me sentei, na esperança de o ter deixado cair.

Perante as buscas sem sucesso, deixo os braços descaírem e retorno ao último local onde estive. Sento-me na mesma mesa que felizmente não foi ocupada, inspiro e expiro fundo, concentrado no que podia ter acontecido. Se o deixei cair nos corredores, qualquer um o poderia encontrar, tomando conhecimento dos meus segredos, mesmo que aos olhos dos outros fossem só desenhos. O resto do dia passa tranquilamente, mas o formigueiro irrequieto dentro do meu peito não passa, não enquanto não descobrir o caderno.

Entro para a última aula, constato que ainda estou sozinho e aproveito para me sentar em silêncio. Não por muito tempo, a entrar na sala vejo aquela rapariga de ar angelical, a dirigir-se novamente na minha direção.

— Tantos lugares na sala e tens de vir atrás de mim? — O que se passa comigo? Eu não queria dizer isto, muito menos desta maneira.

— Eu não ando atrás de ti, simplesmente...

Mais uma vez não sei o que acontece e por impulso interrompo-a.

— Simplesmente o quê? Achas que quero ser teu amigo porque me vês sempre sozinho?

Consigo ver que ficou afetada com a maneira como lhe falei.

— Vinha só entregar isto que deixaste na sala de Teoria da Literatura.

O formigueiro a queimar dentro do meu peito volta a nascer quando vejo o caderno na mão dela. — Viste o que estava no caderno? Ela não me responde, perplexa pela forma como lhe falei, mas volto a insistir. — Viste ou não?

Ela limita-se a abanar que não com a cabeça e dirige-se para o lado oposto da sala. Fico a observá-la por uns momentos, arrependido do que fiz. Porque é

que tive de ser tão rude? Onde estava com a cabeça? Devia-me sentir agradecido por alguém querer sentar-se ao meu lado. Ela era diferente, quis-se aproximar sem qualquer explicação quando parece que mais ninguém o quer fazer. E parvo, agi sem controlo, como sempre.

Fico a pensar no que aconteceu até ao fim da aula e, quando termina, dirijo-me em passos rápidos para a saída, desta vez levo o caderno na mão para ter a certeza de que não vai parar às mãos erradas.

Quando chego ao meu apartamento apercebo-me de que talvez agarrasse o caderno com demasiada força, pois acabei por amassá-lo um pouco. Coloco-o em cima da mesa de centro da sala, colocando um livro pesado por cima para tentar reparar os estragos. Sento-me no sofá e só consigo pensar na minha atitude em relação àquela figura angelical. Só consigo pensar na sua imagem e na voz doce que me hipnotizaram de tal forma que não consegui formar um pensamento coerente, que não consegui controlar os meus impulsos e mostrei um lado que pensava estar mais escondido.





Capítulo 3

Áurea

ÁUREA! ÁUREA, VOLTA! ÁUREA!

Acordo sobressaltada com o sonho que acabei de ter. De quem seria a voz que chamava por mim? Nunca a ouvi, no entanto, remói na minha mente como uma lembrança. Confiro as horas, o tempo voou enquanto estive às voltas na minha cabeça a tentar reconhecer a voz que parecia ainda ecoar. Apresada, levanto-me da cama e em poucos minutos sinto a água do chuveiro tilintar pela pele. Outro dia, o mesmo desafio. O que vou vestir? Pondero por segundos, um vestido preto simples com um pouco de renda e uns sapatos pretos de salto parece-me a escolha sempre acertada. Para contrariar o dia anterior, hoje opto por uma maquilhagem mais leve, dispensando o batom vermelho. Já na cozinha tomo o meu café, vendo a pequena dose de pó de fada derreter-se no preto cremoso.

Antes de deixar o apartamento volto a olhar-me ao espelho e a sensação que tenho é que fico bem com tanto preto. Sempre adorei usar cores mais claras, alegres, principalmente tons de amarelo ou dourado, mas esta mudança agradou-me, mesmo assim, não vou abdicar de vez das minhas cores, mesmo que as use só para mim. Enquanto caminho até à universidade vislumbro um jardim, mudo o passo com calma e atravesso-o. A paz que sinto ao pisar a terra faz-me recordar os jardins da Academia, o coração torna-se pequeno na tentativa de combater as saudades. Ainda era cedo, decidido tirar um momento para mim, fecho os olhos por segundos, as lembranças da magia dos jardins da Academia e do meu reino invadem-me como um furacão, mas sou interrompida do meu transe, ao sentir o embate que me deita ao chão. Pronta para reclamar, olho para cima e não podia acreditar, era ele outra vez.

— Desculpa, estava distraído — diz de uma forma tímida.

Nada a ver com a forma que me falou no dia anterior.

— Não faz mal. A culpa foi minha, não devia ter parado no meio do caminho.

Ficamos os dois a olhar um para outro num silêncio bastante constrangedor até que ele o interrompe.

— Estás ferida. — Olho para a minha perna e avisto o sangue a escorrer. Num movimento involuntário, levo a mão sobre a ferida, para a curar, parando de repente ao lembrar-me que tinha um humano a encarar-me.

— O que é que estás a fazer? Devias limpar isso, não pôr as tuas mãos claramente sujas na ferida. — Olho para ele em pânico e retiro rapidamente a mão. — Vês? Agora tens a mão suja com sangue. Vem comigo! — Agarra-me no pulso, levando-me com ele num passo acelerado que quase me faz cair outra vez.

Paramos em frente a um prédio idêntico ao meu e ele leva-me pelas escadas acima, nas quais faço um esforço, tremendo para não tropeçar devido à velocidade a que ele me puxa. Finalmente, ao fim de dois lances para em frente a uma porta que se abre rapidamente. Sou praticamente empurrada para o interior de um apartamento um pouco menor do que o meu.

— Senta-te aí, já venho. — A sua voz soa a ordem direta, e vejo-o desaparecer da sala onde me encontro.

Começo a observar cada detalhe de decoração. Reparo nas paredes, um tom cinzento, contrastando lindamente com a mobília preta; uma janela com um pequeno sofá e uma guitarra lá pousada. Questiono-me se ele toca ou é só um enfeite. Continuo a percorrer a pequena sala e vejo vários livros nas prateleiras, livros dos quais já tinha ouvido falar na Academia, mas nunca os li. Quando estou prestes a levantar-me para os observar mais de perto, ele entra de rompante com uma toalha e diversos líquidos que não reconheço.

— Vai arder um pouco. — Olha-me com uma expressão indecifrável.

Ele encosta a toalha com um líquido transparente e o impulso de fugir ao toque do líquido na ferida é maior, mas ele agarra a perna com precisão para continuar a desinfetar a ferida.

Observo-o, sem conseguir desviar os olhos. Minutos depois tenho a perna limpa e uma coisa que ele chama de penso a cobrir o corte. A seguir segura-me a mão, pega na toalha e carinhosamente, limpa-a.

Mais uma vez dou por mim a observá-lo. Observo uma pequena mudança na sua aura, uma mudança para algo mais claro, mas dura poucos segundos.

— Pronto, a ferida está limpa. Acho que podes continuar a ir onde estavas a ir — diz com rigidez.

— Obrigada por me ajudares — digo ao levantar-me.

— A culpa foi minha, não fiz mais do que a minha obrigação. — O seu tom ríspido não abrandava.

O que me fez questionar: porque é que a necessidade de me aproximar dele era tão grande? Olho para o relógio e proclamo.

— Ainda bem que saí cedo de casa, senão este percalço ia provocar com que chegasse atrasada à primeira aula.

— Estavas a ir para a universidade? — pergunta com um tom de indiferença.

— Sim, mas distraí-me um pouco com a beleza do jardim.

— Eu também vou para lá, posso acompanhar-te se quiseres. — Volto a observar a mudança na sua aura e, vendo isso, limito-me a acenar com a cabeça e ambos nos dirigimos para a porta.

Passamos de novo naquele jardim e volto a contemplar as cores vivas que me fazem sorrir. O caminho é feito em silêncio, mas não num silêncio constrangedor, mas sim como se ambos estivéssemos a aproveitar a tranquilidade da natureza que nos rodeia.

— Bem, chegamos! — diz quando aparecem as letras que indicam a entrada para a universidade. — Vemo-nos por aí.

Vejo-o a desaparecer para dentro da universidade sem me dar tempo de dizer seja o que for.

O dia decorre normalmente. Sinto-me um pouco triste por não o voltar a ver durante o resto do dia, e questiono-me por que razão estou triste por não encontrar uma pessoa que mal conheço.

No fim das aulas, retorno o caminho de volta para casa pelo mesmo jardim, mas desta vez opto por atravessar o arvoredo e sentar-me na erva fresca perto do riacho. Bate-me uma ponta de saudade de usar os meus poderes, o que me leva a decidir arriscar. Observo o meu redor e ao verificar que estou sozinha, mexo levemente a mão fazendo uma gota de água flutuar e tento ver através dela a Academia.

A visão só dura uns segundos devido ao limitado pó de fada que nos é permitido consumir durante este período, mas foi bom por uns momentos poder ver o que durante doze anos foi a minha casa. Faço uma nota mental para que da próxima vez que usar os meus poderes, tente entrar em contacto com a Viviana de alguma forma.





Capítulo 4

Ámon

Volto ao meu apartamento e deparo-me com pequenas gotas de sangue espalhadas até ao sofá, relembrando-me da rapariga angelical sentada no mesmo. Relembro o pequeno embate. Não que me lembre o que realmente aconteceu, só de sentir algo rígido contra o meu corpo. Mas a culpa também não era minha. Quem a mandou ficar especada no meio do caminho? Tudo nela era diferente, tudo nela era fora do normal. Sorrio ao pensar na maneira inocente, angelical com que me olhou enquanto lhe limpava a ferida, tal como uma criança que se magoara sem saber como acontecera. Parecia deslocada, perdida no seu próprio mundo, como se não pertencesse àquele lugar.

Sento-me no pequeno sofá junto à janela que tem vista para o jardim e reparo nela. Está sentada por trás do arvoredo que dá acesso ao riacho. A pele pálida com o contraste do vestido negro dá nas vistas no meio daquela erva verde, no meio da água cristalina. Vejo-a mexer as mãos, mas não consigo decifrar o que está a fazer. Será que devia ir ter com ela? Sentar-me ali e tentar conhecê-la? Perceber de onde vem ou que a fez vir para aqui? Será que ela também mora aqui perto? Enfrento uma série de perguntas e, quando dou por mim, saio do apartamento num movimento involuntário que só reparo quando já estou a trancar a porta.

Caminho com calma na direção do local onde ela se encontra sentada, por instantes volto a contemplar a beleza que a envolvia e, sem dizer nada, limito-me a sentar ao lado dela. O mais estranho foi a aflição dela ao deparar-se com a minha presença, assustada, como uma criança apanhada a fazer algo de errado.

— Assustaste-me. — Põe a mão no peito.

— Desculpa, não era minha intenção, mas vi-te aqui sentada e pensei em vir fazer-te companhia. Interrompi alguma coisa? — digo, muito serenamente, mas ela reage como se tivesse dito a coisa mais chocante do mundo.

— Não, não estava a fazer nada, só a contemplar a beleza da natureza — diz, nervosamente, quase revoltada. Sinto que tenta disfarçar o nervosismo de ser apanhada em flagrante. Mas apanhada a fazer o quê? Não vejo nada de suspeito à volta dela.

— Sim, este jardim é realmente belo. É uma das vantagens de viver onde vivo, consigo contemplar esta beleza sempre que me apetece.

— Tu estavas a olhar para o jardim antes de vires aqui? — pergunta, mais uma vez, num tom nervoso.

— Sim, estava. Vi-te aqui sentada e decidi vir ter contigo.

— Mas viste... alguma coisa além de mim? — Tantas perguntas quando o que estou a dizer é algo tão simples.

— Devia ter visto alguma coisa?

— Não, claro que não. Eu só estava aqui sentada, sem fazer nada, só a contemplar o riacho cristalino.

— É um local tranquilo. O riacho fica ligeiramente isolado. O meu apartamento é o único que tem vista para aqui. Quem passa pelo jardim só o vê se passar por entre o arvoredo. O que o torna um bom local para estarmos sozinhos e até mesmo dar um mergulho sem ninguém saber.

Vejo-lhe a admiração no olhar quando falo em mergulhar. Isso faz-me sorrir. A inocência dela faz-me sorrir. Estamos sentados em silêncio, só a absorver a boa energia que este local transmite. É a segunda vez que nos encontramos em silêncio e, por mais incrível que pareça, não é constrangedor, é um silêncio confortável.

Olho para o lado e observo a imagem dela, de olhos fechados, a inspirar e a expirar calmamente o ar limpo e fresco que nos rodeia. Parece tão tranquila. Vejo-a a deitar-se de costas, espalhando os lindos cabelos prateados na erva. O peito dela sobe e desce em compasso certo, relaxado, como se a conexão com a erva a fizesse sentir em casa. Não parecia aquela rapariga deslocada, como se estivesse a descobrir o mundo pela primeira vez.

— Estás a observar-me — diz, calmamente, sem abrir os olhos, fazendo-me sair do transe em que me encontrava.

— Não, não estava. — Se realmente reparou que estava a olhar, é embarracoso.

— Eu senti que me estavas a observar. Não tem mal nenhum em observar o que nos rodeia — diz, serenamente. Isso tranquilizou-me e ajudou-me a sair do embaraço em que me encontro.

— Geralmente não costumo observar o que me rodeia, mas tu tens algo de diferente que faz com que não consiga tirar os olhos de ti — digo quase num sussurro enquanto me deito ao lado dela.

Continuamos deitados em silêncio. Não lhe fiz nenhuma das perguntas que pensei em fazer quando vim para aqui, mas tenho a sensação de que terei oportunidade de as fazer mais tarde.

Quando o sol começa a desaparecer no horizonte, despedimo-nos com um sorriso e observo-a a dirigir-se para um prédio idêntico ao meu, na outra ponta do jardim. Quando a perco do campo de visão, caminho com calma

até ao meu apartamento, e apercebo-me de que todos os pensamentos são à volta daquela rapariga de cabelos prateados. Não reparei qual a cor dos seus olhos e fico a questionar-me se serão igualmente claros como a pele, como o cabelo.

Abro a porta do apartamento, os músculos do corpo ficam tensos, os pés com dificuldade em dar o passo necessário para entrar, o queixo está rijo com o que vejo à frente.





Capítulo 5

Áurea

Abro a porta do apartamento e sou recebida pelo Ariel que se esfrega nas pernas. Agacho-me e passo os dedos no pelo branco macio, para sentir as boas vibrações dele e mostrar-lhe o meu dia através do pensamento. Olha para mim com um olhar de reprovação ao se aperceber que utilizei magia, mudando com a presença daquele rapaz. Por momentos, volta à sua forma de espírito guia.

— Conseguí sentir o que sentiste quando estavas com ele. Essa curiosidade vai fazer-te mal. Não te aproximes demais, sabes as regras. — Dito isto, volta à forma de gato e espera uma resposta.

— Eu sei Ariel, mas tu viste a cor da aura dele? Nestas duas idas à universidade já vi várias auras e até agora só a dele é assim. Não pode ser normal. O que pode causar uma aura tão negra em alguém? — Encaro o Ariel para perceber no que está a pensar. — Eu sei que tenho de ter cuidado, Ariel. Não te preocubes.

Ele acena com a cabeça e segue caminho para o sofá, onde se deita no formato de uma bolinha branca fofinha, a dormir.

Este rapaz intriga-me, gostava de saber mais sobre ele. Podia ter perguntado hoje o que queria saber, mas soube-me tão bem o contacto com a natureza. Ao absorver o silêncio que me rodeava, fez-me sentir em casa por momentos, e, não sei porquê, a presença dele soube-me bem.

Faço os poucos trabalhos de casa que tenho, com um sorriso acabo por me aperceber de que gosto mais deste curso do que pensava. A escolha recorreu na esperança de, através da literatura humana, conseguir conhecê-los melhor; emocionalmente; e realmente acho que a minha técnica está a resultar. Começo a perceber melhor como a mente deles trabalha sempre que leio um texto nas aulas. Eles não são muito diferentes de nós. A única diferença é que nós estamos mais conectados à natureza e temos características especiais.



Já é noite cerrada e decido que está na altura de ir dormir. Ainda mal me tinha tapado com os cobertores, quando noto a presença de uma luzinha roxa brilhante a mover-se pelo escuro. Oh, não! Eu sei o que isto significa.

“ÁUREA, O QUE FOI ISSO DE USARES MAGIA NUMA SITUAÇÃO ONDE PODIAS TER SIDO APANHADA POR UM HUMANO? SABES AS REGRAS. ESTÁS AÍ HÁ DOIS DIAS E JÁ QUEBRASTE A MAIS IMPORTANTE. AINDA BEM QUE O ARIEL ME AVISOU, PORQUE SE ALGUM DOS DIRETORES DESCOBRISSE, IAS TER PROBLEMAS A SÉRIO.

Tens de ter mais cuidado, minha querida Áurea. Eu sei que é difícil não usares os teus poderes, mas não ponhas o teu futuro em risco só porque sentes saudades.

Já disse o que tinha a dizer, portanto, adoro-te e tenho muitas saudades tuas. Tem cuidado.”

Claro que o Ariel lhe fez queixa. Por muito que me custasse, de agora em diante teria de ocultar estas coisas dele. Não quero nem devo preocupar ou chatear a minha madrinha. Odeio estas luzinhas, deviam ter uma mão de duas vias e não só trazerem uma mensagem sem permitirem resposta. Sendo que a visão empoeirada de quando se desfazem no ar é bonita.

Mais calma, decido finalmente deixar o corpo cair no colchão, tapo-me com os cobertores, fito o teto por meros segundos até os olhos carregados me levarem para um sono profundo.



Capítulo 6

Ámon

- O que é que estás aqui a fazer? — Ainda estou em choque ao olhar para a figura masculina que me fita.

— Tive saudades tuas, maninho, só isso. — Põe os pés em cima da pequena mesa de centro. Encontra-se estranhamente bem vestido, usa um fato negro, com uma camisa igualmente negra e os três primeiros botões desabotoados, onde dá para observar tatuagens que antes não se encontravam ali. O cabelo da mesma cor que o meu encontra-se consideravelmente mais longo ao ponto de ele conseguir amarrá-lo num puxo desajeitado. Deixou crescer a barba e as olheiras por baixo dos olhos demonstram um cansaço excessivo, o que não condiz de todo com o seu aspecto arranjado.

— Mas eu não tive tuas, portanto, se não fosse pedir muito, sai imediatamente do meu apartamento e não me voltes a aparecer à frente — grito. Ele levanta-se com um sorriso cínico e dirige-se à porta.

— Eu vou embora, por agora, mas não pense que desapareço. Agora que sei onde estás, não vou mesmo. Temos assuntos pendentes e eu pretendo resolvê-los. Depois disso desapareço e nunca mais volto a aparecer à tua frente. — Por momentos os nossos olhares cruzam-se. — Ou melhor, tu não me voltas a aparecer à frente ou de outra pessoa. — Solta estas palavras e sai.

Não acredito que ele me encontrou. Como é que ele me encontrou? Achei que desaparecer da nossa pequena cidade era suficiente, estava redondamente enganado. Não quero fugir outra vez. Ele está atrás de vingança e com toda a razão, depois do que fiz. Ando de um lado para o outro, passo a mão no cabelo a tentar perceber o que fazer, mas não faço ideia. Já lhe pedi desculpa, mais vezes do que me lembro, mas o rancor que ele criou intensificou-se e só pensa em vingança. Não posso censurá-lo, se estivesse no lugar dele pensaria o mesmo.



Passo a noite em branco, mexo-me ora para um lado, ora para outro. Levanto-me, remexo no cabelo despenteado. O ar comprimido dentro de mim não me deixa pregar olho. Quase amanhecia e não me sentia em condições de sair do apartamento. Preciso de pensar; pensar depressa antes que ele faça alguma coisa.

Pego no caderno e começo a escrever. Escrever e desenhar sempre me ajudaram a pensar, mas não consigo, dou por mim a escrever o nome dela. O único nome em que consigo pensar, o nome da rapariga que destruí a vida. O nome da rapariga que retirei sem direito nenhum da vida do meu irmão. O direito que perdi em chamar-lhe irmão depois do que fiz.

Nesse instante, decido não sair mais de casa, a incerteza do que ele possa fazer ao reaparecer, deixa-me inseguro. Aqui, longe de tudo, posso de alguma forma encontrar controlo nas decisões dele.